

Desenvolvimento se faz com homens

ESTADO DE SÃO PAULO

2/8 JAN 1993

SÉRGIO AMAD COSTA

Fala-se, e muito, na busca do real desenvolvimento econômico do País. Só que, para ele acontecer, não adianta embarcar em novos processos de trabalho, sem que os empregados estejam neles engajados. Assim como não se alcança o Primeiro Mundo quando só o setor privado faz a parte dele e o governo permanece agindo como se o subdesenvolvimento fosse a nossa sina e ponto final.

Em outras palavras, até algum tempo atrás, havia dificuldade de a Nação se preparar para o real desenvolvimento à medida que muitas empresas eram infensas a investir em tecnologia. Essa resistência se dava pelo fato de que se voltavam para iniciativas de resultados de curto prazo. E, vale lembrar, os resultados das pesquisas tecnológicas, em geral, são obtidos



lentamente. Mas a dificuldade não se situava apenas aí. Havia uma certa tendência em só investir no que se vê. E tecnologia é justamente o que não se vê. Trata-se de algo essencialmente intelectual. Daí resultava outro obstáculo para o rumo em direção ao Primeiro Mundo, ou seja, compreender o próprio significado de tecnologia.

Tecnologia não é a máquina em si. Caso o fosse, poderíamos desenvolver o País da noite para o dia. Bastaria importar equipamentos de última geração e estaríamos iguais à produção do Primeiro Mundo. Tecnologia significa acúmulo de conhecimento voltado para uma determinada produção. Ela decorre da própria ação do ser humano.

Pois bem, agora uma boa parte das nossas empresas compreendeu que, para se preparar tecnologicamente, é necessário investir em conhecimento, pois, nos países avançados do capitalismo, já é um consenso: o homem vence a máquina. A imagem tão bem encenada na década de 30, em Tempos Modernos, do gê-

nio do cinema Charles Chaplin, está muito longe de representar o movimento que hoje agita as engrenagens da maioria das empresas desenvolvidas. Entretanto, a nossa condição de país subdesenvolvido dificulta, e muito, o trabalho dos empresários para o processo de crescimento econômico.

Só para se ter uma idéia dessa dificuldade, pesquisas têm revelado que 60% da mão-de-obra operacional nas fábricas brasileiras não possuem curso primário completo. Portanto, tal quadro torna inviável programas simples de qualidade e produtividade, já que os operários são incapazes de preencher os formulários estatísticos. Para cobrir essa lacuna, deixada pelo Estado, algumas empresas estão implementando planos de subsídio à educação.

Trocando em miúdos: por um lado, as empresas, em geral, mudaram sua mentalidade, preparando-se para a concorrência; por outro lado, o nível de instrução permanece baixo, dificultando as ações empresariais para a modernização. Sabe-se que apenas

cerca de 13% das crianças que têm acesso ao primeiro grau chegam ao segundo grau, e 0,6% dos jovens que moram na zona rural e 1% na zona urbana conseguem ingressar numa universidade. E, tudo indica, não há sinais de melhora para o futuro, pois temos 8 milhões de crianças abandonadas e 30 milhões desamparadas.

Portanto, o Estado, em vez de ficar agindo no campo da empresa privada, produzindo bens que não lhe compete fabricar, deveria, isso sim, voltar seus esforços para o setor da educação básica, pois, sem ela, qualquer tipo de tentativa de melhoria de qualidade e produtividade se torna uma ação insuficiente, com resultados ineficazes. A maioria dos empresários tem demonstrado disposição para fazer a sua parte. Porém, se o governo não fizer a dele, não chegaremos a lugar nenhum, à medida em que desenvolvimento econômico se faz com homens desenvolvidos. A máquina é mera ferramenta.

■ Sérgio Amad Costa é professor dos cursos de graduação e pós-graduação da FGV-SP.